

## [2] CONCEPÇÕES E PRÁTICAS AVALIATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: APRENDENDO COM OS ALUNOS

**Joeci de Oliveira**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

**Maria Assunção Flores**

Universidade do Minho, Portugal

**Resumo** - Este estudo incide nas práticas avaliativas no ensino superior, tendo como objetivo analisar, a partir da ótica discente, o modo como as avaliações se realizam no curso de Odontologia de uma universidade pública brasileira e suas implicações nos processos de formação. As práticas avaliativas desenvolvidas no ensino superior influenciam o modo como os alunos planejam e utilizam o tempo de seus estudos, repercutindo-se diretamente no processo de ensino e aprendizagem e na sua vida profissional futura. Destaca-se, assim, a importância de investigar a natureza e âmbito das avaliações realizadas na educação superior, contexto em que se insere esta pesquisa. O estudo contou com a aplicação do questionário de Brown & Remesal (2012) validado e aplicado no contexto brasileiro. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da referida universidade (parecer consubstanciado n. 1.748.474). A amostra foi composta por 413 alunos, regularmente matriculados no curso de 1ª a 10ª fase, com idade média de 22,52 anos, sendo 117 (28,3%) pertencentes ao gênero masculino e 291 (70,5%) ao feminino. Os resultados apontam para a predominância de provas com questões abertas e de múltipla escolha, de notas por trabalhos escritos (79,6%), realizados em sala de aula (58,8%) e em grupo (73,9%). Como conclusão preliminar observa-se que as práticas avaliativas seguem o modelo tradicional, ou seja, são de caráter classificatório, gerando no corpo discente algum descontentamento. Estes dados suscitam implicações ao nível da formação pedagógica dos docentes, nomeadamente nas questões da avaliação de caráter formativo e no desenvolvimento de estratégias pedagógicas centradas nos estudantes.

**Palavras-chaves:** ensino superior, avaliação, formação, ensino-aprendizagem.

### Introdução

A universidade é uma instituição que desempenha papéis relevantes para o desenvolvimento humano e por consequência direta para toda a sociedade que está ao seu entorno. Deve produzir, socializar e aplicar os conhecimentos à realidade que a cerca, sem contudo esquecer os olhares para o avanço científico e tecnológico. É relevante ainda capacitar seus alunos para a construção de uma formação humanística, crítica e reflexiva amparados nos princípios éticos e no entendimento da realidade social, cultural e econômica do seu meio, completando assim sua função social e política.

Atualmente, as universidades almejam superar o conceito de educação como mera transmissão de conhecimento e focar no desenvolvimento do aluno, capacitando-o para além das competências técnicas e científicas. O nosso desempenho pedagógico e a forma como atuamos com nossos acadêmicos estão diretamente relacionados com o desenvolvimento humano e com as competências que desejamos desenvolver nos futuros profissionais.

É importante a capacidade de refletir, criticar e elucidar os cenários que lhes serão apresentados na sua vida profissional futura. Muitos destes cenários ainda não são conhecidos e vivenciados durante a

sua jornada acadêmica. As percepções discentes sobre a avaliação influenciam diretamente os seus estudos, ou seja, a forma como o aluno pensa em aprender e estudar determina a sua abordagem às tarefas avaliativas, que acabam por interferir na sua aprendizagem (Struyven, Dochy e Janssens, 2005; Fernandes, 2008; Alvares-Mendez, 2002 e Brown, 2004).

Como professora do ensino superior (primeira autora), lecionando em uma universidade pública há 25 anos no curso de graduação em Odontologia, observo que devemos repensar nossas atividades, conteúdos pedagógicos, práticas de ensino e avaliação, bem como as tarefas didáticas que propomos aos estudantes. É preciso refletir e analisar à luz das mudanças sociais e políticas qual a contribuição que estamos realmente dando ao futuro profissional que passa por nossas mãos, pois só assim estaremos contribuindo para as demandas da sociedade atual.

Na área da saúde são muitas as variáveis a serem levadas em conta no processo avaliativo, principalmente nas disciplinas práticas, clínicas e de estágio supervisionado, onde todo o embasamento teórico pressupõe-se ter sido previamente adquirido. Historicamente, nossas avaliações se direcionam à capacidade do aluno em reter informação; são sumativas, classificatórias, tratam todos os alunos de forma igualitária sem levar em conta o desempenho e a evolução de cada um. Na avaliação clínica as aferições são complexas e envolvem muitos elementos a serem considerados no processo, como por exemplo: exame clínico, diagnóstico, tratamento prescrito e executado, terapêutica e acompanhamento em escalas de execução, os quais podem ocorrer a curto, médio ou longo prazo. Ainda há que ter em conta as condições inerentes a cada caso clínico e a cada acadêmico envolvido nesse atendimento sem compará-los com seus pares. É essencial compreender a operacionalização das avaliações nos cursos de graduação em Odontologia, aferindo se a construção do conhecimento se efetivou, seja este teórico ou prático. Esta compreensão deve acontecer por parte do discente e do docente para que o curso possa atender às necessidades da sociedade para a qual esses profissionais estão sendo formados.

O objetivo do estudo que apresentamos nesta comunicação foi analisar, sob a ótica discente, as avaliações desenvolvidas no curso de Odontologia de uma universidade pública no Brasil e, assim, contribuir para o processo de ensino e aprendizagem centrado no estudante.

## **Metodologia**

Trata-se de um estudo transversal, sendo a amostra constituída pelos alunos regularmente matriculados da 1ª a 10ª fase no curso de Odontologia de uma universidade pública no Brasil no ano de 2016. Para investigar as perspectivas dos discentes foi utilizado o questionário de Brown & Remesal (2012) validado para o contexto brasileiro. O instrumento foi disponibilizado ao aluno que, individualmente, respondeu após ter assinado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da referida Universidade (parecer substanciado n. 1.748.474). Esta pesquisa integra uma investigação mais ampla sobre a avaliação no ensino superior financiada através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Para as respostas foi usada a escala de respostas descrita a seguir: discordo fortemente (DF), discordo na maior parte (DMP), concordo ligeiramente (CL), concordo

moderadamente (CM), concordo na maior parte (CMP) e concordo fortemente (CF). Aqueles que não responderam foram identificados como não respondeu (NR).

## Resultados

Os resultados apresentados são preliminares e parciais e dizem respeito às atividades avaliativas que o aluno entende ou identifica durante o curso, bem como a importância que atribui às práticas avaliativas vivenciadas durante o curso. Os dados foram analisados através do software SPSS® 20.0. Fizeram parte do estudo 413 alunos, regularmente matriculados no curso de graduação em Odontologia da universidade pesquisada, de 1ª à 10ª fase. Os participantes possuíam idade média de 22,52 anos ( $dp=\pm 8,63$ ), sendo que 63,6% dos participantes compunham a faixa de 19 a 23 anos. Em relação ao gênero, 117 (28,3%) pertencem ao gênero masculino e 291 (70,5%) ao feminino.

Tabela 1: Concepção discente sobre o caráter das avaliações realizadas no curso:

	DF	DMP	CL	CM	CMP	CF	Não R
É injusta %	6,5	21,3	29,8	25,4	11,1	4,6	1,2
Experiência envolvente e agradável %	49,4	32,9	11,4	4,6	0,7	0,2	0,7
Professores avaliam exageradamente %	2,2	18,4	29,8	20,1	16,7	10,2	2,7
Existe um bom clima durante a avaliação %	43,6	30,8	13,6	6,8	2,9	2,4	-

A maioria dos alunos não considera uma experiência agradável (49,4% e 32,9%), dizem que não há um bom clima durante as avaliações (43,6% e 30,8%), que a avaliação pode ser injusta (29,8% e 25,4%) e que os professores avaliam exageradamente (29,8% e 20,1%). É possível constatar, a partir das opiniões dos estudantes, o caráter autoritário das avaliações realizadas no curso, que são sobretudo de natureza classificatória. Associam-se com práticas onde a avaliação se destina a conferir a capacidade do aluno em reter as informações e conteúdos repassados pelo professor. Este tipo de concepção percebida pelos alunos e demonstrada nesta pesquisa aponta claramente o caráter classificatório realizado no curso e que se afasta dos princípios norteadores do aprendizado centrado no aluno como defende Luckesi (2005). É preciso refletir sobre esta prática para que se possa sair da avaliação classificatória e avançar para uma avaliação formativa como defendem autores como Luckesi (2008), Silva e Mendes (2017), Almeida (2015), Machado (2007) e Salomão e Nascimento (2015). De acordo com Rabelo (2015), os exames e testes convencionais aplicados com regularidade no ensino superior apontam os erros, deixando descobertos a sua análise ou entendimento propriamente dito. Culminam no *ranking* e classificação dos alunos para uma finalização onde encontraremos somente os que vão chegar e atingir as médias esperadas para o final do semestre, portanto sem nenhuma valia para conceber, entender, analisar e pesquisar o que foi realmente apreendido pelos alunos.

Tab 2: Concepção discente sobre a IMPORTÂNCIA da avaliação:

	DF %	DMP%	CL %	CM%	CMP%	CF %	NR %
Resultados não são exatos	3,4	10,2	26,9	21,8	20,8	14,3	2,7
Sem valor	27,8	37,5	21,8	7,3	2,2	1,0	2,4
Mostra se eu posso analisar e pensar criticamente sobre um assunto	15,3	24,9	29,1	15,7	7,5	4,4	3,1
Aprecio o aprendizado quando eu sou avaliado	21,5	35,1	24,2	10,4	4,6	1,7	2,4
Tem impacto pequeno no aprendizado	16,7	35,4	24,9	9,0	8,5	2,9	2,7

No que diz respeito à importância da avaliação os estudantes apontam para a imprecisão dos resultados (26,9% e 21,8%), porém reconhecem o impacto no aprendizado (35,4% e 16,7%). Não apreciam quando são avaliados (35,1%) e não conseguem definir se a avaliação os ajuda no pensamento crítico. Analisando estes resultados pela ótica discente podemos dizer que a avaliação serve para cumprir o protocolo pedagógico e causa desconforto acadêmico.

Quadro 1: Atividades avaliativas identificadas pelos alunos de 1ª à 10ª fase.

Práticas avaliativas relacionadas	%
Trabalhos em grupo	73,9
Trabalhos escrito	79,6
Prova com consulta	69,4
Observações na sala de aula/clínica	57,5
Prova em dupla	69,0
Trabalhos realizados em sala de aula	58,8
Prova com questões abertas e de múltipla escolha	89,0
Professores avaliam desempenho SEM esclarecimentos com os alunos	73,0

Os participantes reconhecem como práticas avaliativas as seguintes atividades: provas com questões abertas e de múltipla escolha (89%), trabalhos escritos (79,6%), trabalhos realizados em sala de aula (58,8%) e em grupo (73,9%), prova com consulta (69,4%) e em dupla (69%). Entendem que são observados em sala de aula e clínica pelos professores (57,5%). Relataram que recebem notas sem, contudo, haver uma conversa ou entendimento do processo de aprendizagem e de avaliação com o professor (73%) (quadro 1). Quando comparadas as respostas dos alunos das fases pré-clínica (1ª a 5ª) com as das fases clínica (6ª a 10ª), observa-se que as provas com consulta são instrumentos de avaliação nas fases pré-clínicas. Isto não ocorre nas fases clínicas (62,6% e 37,4% respectivamente, p valor=0,004) e as provas em dupla ocorrem nas fases pré-clínicas do curso (64,5% e 35,5% respectivamente, p valor=0,001). As observações em sala de aula/clínica como instrumentos avaliativos acontecem nas fases clínicas do curso (40,9% e 59,1% respectivamente, p valor<0,001).

Não existe uma compreensão por parte dos discentes (73%) sobre como o processo avaliativo se concretiza. As provas com consulta e em dupla acontecem com maior frequência nas fases de 1ª a 5ª e as observações docentes ocorrem nas fases de 6ª a 10ª.

### **Conclusões**

Como estudo preliminar observa-se que as práticas avaliativas seguem o modelo tradicional, ou seja, são de caráter classificatório gerando no corpo discente algum descontentamento. Estes dados suscitam implicações ao nível da formação pedagógica dos docentes, nomeadamente nas questões da avaliação de caráter formativo e no desenvolvimento de estratégias pedagógicas centradas nos estudantes. É ainda importante estabelecer parcerias entre estudantes e professores na busca de um processo avaliativo que forneça aos alunos, professores e gestores soluções e respostas para que o processo de ensino e aprendizagem se concretize de modo mais adequado, coerente e eficaz.

**Nota:** Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto "Assessment in Higher Education: the potential of alternative methods" (PTDC/MHCCED/2703/2014), financiado por Fundos FEDER, Programa COMPETE e Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

### **Referências:**

- Almeida, H. M. (2015). A didática no ensino superior: práticas e desafios. *Revista Estação Científica*, 14, 1-8.
- Alvarez, M. J. M. (2002). *Avaliar para conhecer: examinar para excluir*. Porto: ASA Ed.
- Brown, Sally.(2004-05) Assessment for Learning. *Learning and Teaching in Higher Education*, (1), 81-89.
- Fernandes, D.(2008). *Avaliação das aprendizagens: desafios à teoria, práticas e políticas*. Portugal:Textos Editores.
- Garcia, Joe. (2009).Avaliação e aprendizagem na educação superior. *Estudos em Avaliação Educacional*, 20(43), 201-213.
- Luckesi, C. C. (2008). *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. São Paulo: Cortez.
- Luckesi, C. C.(2205). *Avaliação da aprendizagem: visão geral*. Disponível em:<[www.luckesi.com.br/artigosavaliacao.htm](http://www.luckesi.com.br/artigosavaliacao.htm)> . Acesso em: 18 julho 2017.
- Machado, E. A.C. (2007). *Avaliação e Participação: um estudo sobre o papel dos actores na avaliação da formação contínua*. Dissertação de doutoramento – Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Salomao, T.; Nascimento, M. C. M. (2015) *A Avaliação da aprendizagem na perspectiva formativa e na classificatória*. Anais: VI Simpósio de Pesquisa e Pós graduação em Educação. UEL, Londrina.
- Silva, N. L. S; Mendes, O. M.(2017) Avaliação formativa no ensino superior: avanços e contradições. *Avaliação*, 22(1), 271-297.

Struyven, K.; Dochy, F.; Janssens, S. (2005). Students' perceptions about evaluation and assessment in higher education: a review. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, 30(4), p. 331–347.